

Memória e Sociedade: a História do Cinema de Presidente Prudente (SP) nas Salas de Aula¹

Thaís Sallum BACCO²

Claudia Maria LIMA³

Universidade Estadual Paulista (UNESP), Presidente Prudente, SP

Resumo

O artigo discute as relações existentes entre o cinema e educação. O objetivo é apresentar uma proposta para a Diretoria Regional de Ensino de Presidente Prudente para inserção do videodocumentário “Era uma vez...”, vencedor do Mapa Cultural Paulista edição 2011/2012, nas salas de aula, incrementando o projeto do governo paulista *O Cinema Vai à Escola – A Linguagem Cinematográfica na Educação*. O filme conta a história das salas de projeção cinematográficas prudentinas, cujas origens remontam aos primeiros anos da década de 1920.

Palavras-chave: cinema e educação; O Cinema vai à Escola; Era uma vez...; videodocumentário; história do cinema em Presidente Prudente.

Introdução

Quando os olhos se deslocaram do visor da grande caixa para a tela⁴, ampliando as possibilidades de experimentar realidades, ainda não era possível prever as potencialidades do cinema no campo educacional. A passagem da experiência do individual, com a máquina de reproduzir a vida de Edison e Dickson (1891, nos EUA), para o coletivo, com a invenção do cinematógrafo dos irmãos Lumière, abriu as fronteiras existentes entre o produto cinematográfico e os bancos escolares.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Presidente Prudente, email: thaisabacco@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de São José do Rio Preto, email: claudiamarialima@uol.com.br.

⁴ Aqui estamos nos referindo ao invento dos irmãos Auguste e Louis Lumière: o cinematógrafo, que possibilitou a exibição de imagens na tela. Até então, com o quinetoscópio (máquina de projeção) e o quinetógrafo (câmera de filmagem), de Thomas Edison e William Dickson, apenas uma pessoa podia ver os filmes por meio de um visor instalado em uma caixa onde as imagens eram reproduzidas.

Não é de surpreender, portanto, que a idéia de fazer uso da produção cinematográfica para alavancar o processo civilizador e formar moralmente os povos tenha sido a base sobre a qual se estabeleceu, originalmente, a relação entre educação e cinema em vários países, incluindo o Brasil. (DUARTE; ALEGRIA, 2008, p.61)

Sim, desde os seus primórdios, no final do século XIX, o cinema revelou-se como uma ferramenta pedagógica com potencial para reproduzir a vida passada servindo, ainda, como um instrumento para reproduzir o conhecimento. Entretanto, o espaço que o cinema ocupa hoje no campo educativo é mais amplo.

Para Fantin (2006), as relações envolvendo cinema e educação podem estar situadas em quatro dimensões interrelacionadas com o caráter instrumental (educar com e para o cinema) ou caráter de objeto temático (educar sobre o cinema). “Ou seja, a educação pode abordar o cinema como instrumento, objeto de conhecimento, meio de comunicação e meio de expressão de pensamentos e sentimentos.” (FANTIN, 2006, p.140).

Para a autora (FANTIN, 2006), educar com o cinema vai além de entender o meio como uma simples ferramenta pedagógica. É preciso pensar o cinema com significação social, enquanto um instrumento de intervenção, pesquisa, comunicação e fruição. Já na perspectiva de educar para o cinema, Fantin (2006)⁵ entende que a sétima arte constitui-se um cruzamento de práticas sócio-culturais diversas, capaz de difundir o patrimônio cultural da humanidade, servindo como um documento histórico social. Enquanto um objeto temático de intervenção educativa, o cinema pode ser um instrumento para leitura, interpretação, análise e até mesmo referencial para produção de audiovisuais. (FANTIN, 2006)

Em outra abordagem, em um interessante artigo intitulado “A Educação pelo Cinema”, três pesquisadores do laboratório de Estudos Audiovisuais da Faculdade de Educação da Unicamp, Carlos Eduardo Albuquerque Miranda, Gabriela Domingues Coppola e Gabriela Fiorin Rigotti (2005) resgatam os primórdios da relação cinema e educação que remontam ao próprio surgimento do cinema. Os autores (2005) defendem que as imagens fílmicas são elementos concretos para construir a visão de mundo das pessoas.

⁵ As dimensões envolvendo as relações entre cinema e educação na tese de Fantin (2006) se apóiam especialmente no pensamento do professor da Universidade Católica de Milão, reconhecido estudioso na área de mídia-educação, Pier Cesare Rivoltella, que tem muitos textos publicados envolvendo a temática.

O cinema, então, assim como o livro de Comenius⁶, coloca as coisas do mundo numa seqüência de imagens e numa arquitetura de lugares que não servem apenas para a compreensão da história que está sendo narrada. Este arranjo fílmico é um arranjo didático, em que o espectador, ao concentrar-se na história, aprende a olhar para o mundo, criando com as imagens uma *visão de mundo*, uma visão do mundo, das coisas do mundo e do que é importante para cada uma das coisas, ou seja, formas de valoração do mundo. (grifo dos autores MIRANDA; DOMINGUES; RIGOTTI, 2005, p.3)

Neste mesmo sentido, uma dimensão mais aprofundada envolvendo as produções cinematográficas e a educação é apresentada por Rosália Duarte (2002). A autora destaca que o cinema não pode ser visto apenas como um recurso de apoio didático, mas, sobretudo, um instrumento – ao mesmo passo que uma fonte de conhecimento e uma forma de arte – capaz de contribuir no processo de “ensinar a ver”. Para Duarte (2002), a educação e o cinema são instâncias culturais que produzem saberes, identidades, visões de mundo, subjetividades.

Daí advém a proposta de outro olhar para o cinema a partir da educação. Duarte e Alegria (2008) defendem a formação estética audiovisual, que não representa a imposição autoritária da visão do professor diante de um filme, mas a construção de uma leitura que considera a dimensão estética da obra, seu valor cultural e o lugar que tal obra ocupa na história do cinema. “[...] não basta ver bons filmes, é preciso também aprender a analisá-los e a julgá-los.” (DUARTE; ALEGRIA, 2008, p.75)

Em uma abordagem histórica, Catelli (2010) discute as concepções presentes entre os educadores da Escola Nova – movimento que impulsionou intelectuais e políticas a favor da modernização da sociedade brasileira pela educação – com relação ao vínculo entre cinema documentário e educação. Para ela (2010, p.621), “A união do cinema com a educação servia, nas décadas de 1920 e 1930, aos propósitos de modernização da sociedade brasileira, na ótica de uma elite que se colocou como vanguarda de um projeto de transformação social pela educação.”

Momento este em que foi travado um combate ao cinema mercantil e um esforço para fazer filmes que tinham um caráter pedagógico. “O cinema documentário podia transportar o espectador pelas cidades desconhecidas, pelos campos e pelas ruas, viajar no espaço e no tempo. O mundo podia vir ao encontro destes espectadores.” (CATELLI, 2010, p.613) Assim, os filmes documentais das primeiras décadas do século passado focavam

⁶ COMENIUS, João Amós. **Orbris Sensualium Pictus**. London: J. Kirton, 1659

suas temáticas em registros de viagens, dados relacionados às ciências naturais e à vida cotidiana do homem. O que legitimava o papel educativo do cinema era seu *status* enquanto uma máquina da visão do real. “As funções que foram imputadas ao cinema educativo, em especial ao filme documentário, demonstram uma crença na objetividade da imagem. Predominava a concepção de que a câmera cinematográfica operava uma reprodução mecânica da natureza ou da sociedade.” (CATELLI, 2010, p. 618) A presença da subjetividade e da intencionalidade nas produções fílmicas demorou a ser percebida, especialmente no gênero documentário.

Na disciplina de história⁷, a utilização de filmes nas salas de aula está bem solidificada. Abud (2003, p.183) justifica: o cinema “[...] mobiliza operações mentais que conduzem o aluno a elaborar a consciência histórica, forma de consciência humana relacionada imediatamente com a vida humana prática, e que se constitui, em última instância, no objetivo maior do ensino de História”.

Todavia, considerando o potencial formativo do cinema e seu caráter sócio-cultural, as contribuições envolvendo o cinema na escola ocorrer em todas as demais áreas do conhecimento. Vejamos como isso se deu no cenário brasileiro.

Cinema e Educação no Brasil

O cinema não havia completado duas décadas de existência no mundo⁸ e foi levado para as salas de aula no Brasil. O responsável por tal feito foi um professor de história, conforme resgata Felipe (2006, p.32):

No Brasil, o professor de História Jonathas Serrano se tornou um dos pioneiros na utilização de filmes na sala de aula. Ensinando no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, ainda em 1912, já incentivava seus colegas a recorrerem ao cinema de ficção e documentário para facilitar o ensino e aprendizagem.

⁷ O historiador francês Marc Ferro é um dos principais autores a tratar das relações entre cinema e história. Sua obra é discutida no artigo de Eduardo Victorio Morettin intitulado “O Cinema como Fonte História na Obra de Marc Ferro”, disponível em <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/view/2713>.

⁸ A primeira exibição pública de filmes cinematográficos ocorreu no dia 28 de dezembro de 1895, no Grand Café, em Paris.

Para Pfromm Netto (1998), não é exagero “afirmar que o cinema nasceu educativo e científico”. O autor⁹ resgata a produção do primeiro filme médico brasileiro datado de 1907, quando Chapot-Prevost registrou a separação de duas irmãs xipófagas e destaca várias outras produções, como a filmagem do primeiro transplante cardíaco humano realizado na América do Sul, em 1968, realizada por Benedito J. Duarte.

Muitos fatos fazem parte da história que registra o uso do cinema no campo educativo. Em 1929, todas as escolas primárias do Rio de Janeiro contavam com projetores cinematográficos. (PFROMM NETTO, 1998, p.78)

Mesmo com todas as dificuldades financeiras e tecnológicas, em 1931, o governo paulista instituiu uma Comissão Especial para tratar o cinema na educação. A principal ação do órgão foi elaborar um roteiro para orientar as escolas a criar condições de implantá-lo. (FRANCO, 2004).

Em 1936, o cinema nas escolas se configura como política pública, e ganha *status* oficial de cinema educativo, com a criação do INCE, o Instituto Nacional de Cinema Educativo. O projeto foi encaminhado para o Ministro da Educação da época Gustavo Capanema pelo intelectual, cientista, professor e homem de iniciativas culturais Edgar Roquette-Pinto. O INCE foi oficializado em 1937 e funcionou até 1966. (FRANCO, 2004). Segundo Fantin (2006, p.147), “A elaboração dos filmes educativos foi designada ao cineasta Humberto Mauro, tendo este realizado mais de 400 documentários até os anos de 1960 [...]”

Outro marco no desenvolvimento do cinema educativo no Brasil foi a criação, em 1960, do Serviço de Recursos Audiovisuais no Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo, que “[...] funcionou como um centro muito bem equipado para tradução, adaptação e dublagem dos melhores filmes educativos disponíveis no mercado internacional [...]” (PFROMM NETO, 1998, p.93)

A consolidação da TV no país, na década seguinte, trouxe reflexos nos investimentos e esforços no âmbito do cinema educativo. De acordo com Pfromm Netto (1998), o foco passou a ser a produção, veiculação de filmes com fins educacionais na televisão. Neste momento, se destaca o papel da Fundação Padre Anchieta de São Paulo, mantenedora da TV Cultura, que assumiu a função de distribuidora de filmes 16 mm para todo o país.

⁹ Vale a pena a leitura do quinto capítulo (“A odisséia do cinema educativo”) do livro “Telas que ensinam: mídia e aprendizagem do cinema ao computador”, de Pfromm Netto (1998). Nele, o autor resgata pormenores da trajetória do cinema educativo no Brasil, trazendo também o contexto do cenário internacional.

Desde então, as experiências envolvendo o uso de filmes nas salas de aula estão diminuindo.

É uma pena que isto aconteça em nosso país, quando se sabe que o cinema educativo, nos países mais desenvolvidos, continua prestando excelentes serviços nas escolas, da pré-escola à universidade, com centenas de novos títulos acrescentados anualmente aos catálogos de produtores e distribuidores, quer em cópias de acetato de celulose, quer em cópias de videocassete. (PFROMM NETTO, 1998, p.96)

No Brasil, as experiências que sobreviveram ou as que surgiram fazendo uso do cinema na escola são exemplos práticos atuais do que Pfromm Netto afirmou há 14 anos fazendo uma análise do contexto internacional. O Projeto Cine Livro, desenvolvido pela Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, por exemplo, propõe o uso do cinema com estudantes do Ensino Médio para trabalhar a literatura brasileira. Os primeiros resultados foram divulgados em 2010¹⁰ e apontam, principalmente, para a sensibilização da escola quanto à relação existente entre a arte e língua.

Outro projeto que pode ser citado foi desenvolvido em uma escola pública de Aracaju (SE)¹¹. Na disciplina de Educação Física, as narrativas fílmicas foram utilizadas com alunos do Ensino Médio para trazer para o debate outros temas do universo esportivo. Como conclusão, Nunes (2011) apresenta:

Dessa maneira, os estudantes puderam discutir/problematizar sobre aspectos que envolvem o papel do juiz no esporte, a figura do ex-jogador e a relação da torcida com e no futebol, temas que habitualmente não fazem parte da rotina das aulas de Educação Física na escola média. Também ficou evidente que os educandos aprovaram e acharam interessante o uso de filmes nas aulas e que, a partir de suas respostas, é possível admitir ter havido aprendizagem sobre outros elementos que fazem parte do universo esportivo que deve ser discutido nas aulas de Educação Física.

Neste artigo, apresentamos a proposta vigente do governo paulista para desenvolvimento de atividades na rede a partir do cinema.

¹⁰ Ver artigo “Do Cinema Educativo às Aulas de Língua Portuguesa”, de Albuquerque e Santos, disponível em <http://www.iiis.org/CDs2010/CD2010CSC/SIECI_2010/PapersPdf/XA861QI.pdf>

¹¹ Ver artigo “Cinema e Educação Física no Ensino Médio: uma experiência pedagogia com outros temas do Esporte”, disponível em <<http://www.educonufs.com.br/vcoloquio/cdcoloquio/cdroom/eixo%202/PDF/Microsoft%20Word%20-%20CINEMA%20E%20EDUCA%C7%C3O%20F%CDSICA%20NO%20ENSINO%20M%C9DIO-UMA%20EXPERI%CANCIA%20PEDAG%D3GICA%20COM%20OUTROS%20TEMAS%20DO%20ESPORTE.pdf>>

Experiência contemporânea

No Estado de São Paulo, o mais recente projeto para uso do cinema na escola faz parte do Programa Estadual Cultural é Currículo¹². “O Cinema Vai à Escola: a linguagem cinematográfica na Educação” foi lançado em 2008 pela Secretaria Estadual de Educação, por meio da Diretoria de Projetos Especiais (DPE) da Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE).

O projeto oferece material de apoio às 3896 unidades escolares que atendem ao Ensino Médio no Estado para a inserção do cinema na educação. Por enquanto, o material disponibilizado é composto de três caixas contendo, no total, 51 filmes¹³ e quatro exemplares impressos do Caderno de Cinema do Professor, com tiragem de 40 mil exemplares, mais um exemplar disponível apenas na internet¹⁴.

O primeiro Caderno foi entregue aos professores da rede juntamente com a remessa inicial de DVDs, no lançamento do projeto em 2008. Com o título “Luz, Câmera... Educação!”, o livro explica que a seleção dos filmes foi feita a partir de mais de 1.000 títulos consultados, “[...] com o intuito de apurar o olhar reflexivo do aluno espectador” (SÃO PAULO, 2008, p.5). Alunos, professores e especialistas na área de cinema e educação ajudaram na escolha, que se deu com base em três critérios que garantissem a diversidade: de gêneros fílmicos (ficção, documentário, drama, suspense, comédia, animação, entre outros), de épocas e de nacionalidades. Para cada filme escolhido, o caderno apresenta sua ficha técnica, curiosidades e algumas possibilidades de trabalho com o filme, indicando as áreas curriculares, sugestão de disciplinas e o tema a ser trabalhado de

¹² O site oficial divulga que o Programa Cultura é Currículo “[...] integra o conjunto de ações definidas pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo para concretização da sua política educacional, visando propiciar melhor qualidade de ensino da escola pública estadual, seja no sentido de atender aos desafios do mundo moderno, como em relação à função de transmissão do saber, para inserção social de seus alunos.” Disponível em < <http://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/programa.aspx>>

¹³ A primeira caixa foi distribuída em 2008 com 20 filmes. São eles: “A Cor do Paraíso”, “A Rosa Púrpura do Cairo”, “Arquitetura da Destruição”, “Bendito Fruto”, “Billy Elliot”, “Cantando na Chuva”, “Cinema, Aspirinas e Urubus”, “Crash, No Limite”, “Crianças Invisíveis”, “Diários de Motocicleta”, “Final Fantasy”, “Frankenstein”, “Língua, Vidas em Português”, “Narradores de Javé”, “O Fim e o Princípio”, “O Pagador de Promessas”, “O Planeta Branco”, “Putz! A Coisa Tá Feia”, “Terra de Ninguém” e “Vida de Menina”. A segunda caixa foi encaminhada às escolas em 2010, com outros 21 títulos: “A General”, “Ladrões de Bicicleta”, “Fahrenheit 451”, “Inocência”, “Nas Montanhas dos Gorilas”, “Trem da Vida”, “O Povo Brasileiro”, “Balzac e a Costureirinha Chinesa”, “Sob a Névoa da Guerra”, “Em Busca da Terra do Nunca”, “O Banheiro do Papa”, “Apenas Uma Vez”, “Bem-vindo a São Paulo”, “Donkey Xote”, “Mutum”, “O Sonho de Cassandra”, “Um Beijo Roubado”, “A Partida”, “Gran Torino”, “Rebobine, Por Favor” e “Palavra (En)Cantada”. A terceira caixa foi enviada às escolas em maio de 2012, e contém 10 filmes: “Antes que o Mundo Acabe”, “Lixo Extraordinário”, “Uma Noite em 67”, “Sobre Futebol e Barreiras”, “A Culpa é do Fidel”, “Sombras de Goya”, “Criação”, “Lemon Tree”, “Honeydripper, do blues ao rock”, “O Menino do Pijama Listrado”

¹⁴ Trata-se do último Caderno do Professor, disponível em <http://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/Cinema/Cinema.aspx?menu=14&projeto=3>

forma transversal por diferentes disciplinas. Além disso, existe a orientação aos professores que se preparem antes do uso do filme e frases sobre cinema de importantes nomes envolvidos com a sétima arte.

O Caderno do Professor número dois, distribuído em 2009, apresenta como objetivo “[...] aprofundar os conhecimentos e promover discussões na escola sobre o cinema como experiência cultural e escolar.” (SÃO PAULO, 2009a, p.3). É sugerido usar as horas de trabalho pedagógico coletivo (HTPC) para leitura e análise deste material que apresenta quatro textos de autores consagrados que discutem o cinema e a sua relação com educação. Os textos são: “Cinema: a experiência cultural e escolar”, de Marcos Napolitano, “A linguagem do cinema no currículo do Ensino Médio: um recurso para o professor”, de José Cerchi Fusari, “Uma história do cinema: movimentos, gêneros e diretores”, de Eduardo Morettin e “A linguagem cinematográfica”, de Eduardo Ramos.

Também em 2009 foi enviado às escolas o Caderno do Professor número três, uma coletânea de entrevistas realizadas com diferentes profissionais que têm relacionamento estreito com o cinema e/ou sua história e a educação e/ou a escola. Os entrevistados são o crítico de cinema Inácio Araújo, o diretor da Cinemateca Brasileira, Carlos Magalhães, dois professores de educação básica da rede estadual de ensino, Sandra Haddad e Gofredo Bonadies e uma entrevista do cineasta Walter Lima Jr. publicada anteriormente, em 1993, durante um curso de formação promovido pela FDE. (SÃO PAULO, 2009b, p.5)

O Caderno do Professor número 4 distribuído aos docentes acompanhou a segunda remessa de DVDs enviada às escolas. O caderno segue a mesma estrutura do número um, com orientações de atividades e informações sobre os 21 filmes enviados e frases sobre o cinema ditas por pensadores da área. Ao final, uma lista com 100 títulos de filmes é apresentada como opção aos educadores para serem exibidos nas escolas.

Em maio deste ano, a terceira caixa com 10 novos filmes seguiu para a rede. As sugestões para uso dos filmes compõem o Caderno do Professor número cinco, que, por enquanto, está disponível apenas online. (O CINEMA..., 2012)

Considerando essa abertura do governo para a inserção e fortalecimento do cinema dentro das salas de aula, apresentamos como proposta a exibição de filmes locais nas escolas paulistas. A ideia não é simplesmente explicitar a produção artística local, mas, sobretudo, evidenciar a relevância da obra para a construção da memória da sociedade. Em Presidente Prudente, cidade localizada no Oeste do Estado de São Paulo, a sugestão é a exibição do videodocumentário “Era uma vez...”, vencedor da fase estadual do Mapa

Cultural Paulista na categoria vídeo edição 2011/2012¹⁵. Trata-se de um videodocumentário que conta a história das salas de cinema da cidade desde seus primórdios e resgata a relação do meio com a sociedade. (ERA UMA VEZ..., 2010)

Salas de projeção filmicas em Presidente Prudente

O videodocumentário “Era uma vez...” é resultado de uma pesquisa científica intitulada “Câmaras Escuras e Pensamentos Filmados: a descoberta dos cinemas prudentinos”, desenvolvida em 2010 pelos então formandos do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social (Facopp) da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste/Presidente Prudente) Lívia Mayra Souto Tadioto, Luiz Carlos Dalle Vedove, Mayne Nascimento Guaraldo Santos, Renata Ferreira de Faria Negrão e Tchiago Inague Rodrigues, sob a orientação de uma das autoras deste artigo. (TADIOTO et al. , 2010)

Para contar a história das salas de projeção cinematográficas comerciais de Presidente Prudente, foram utilizadas duas técnicas de coleta de dados:

- 1) Pesquisa documental em dois jornais impressos *A Voz do Povo* (de 1926 a 1981) e *O Imparcial* (de 1939 a 1970), cujos exemplares encontravam-se disponíveis no Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antonio Sandoval Netto, em Presidente Prudente.
- 2) Relato oral e memória¹⁶, cujos depoimentos foram gravados em vídeo.

A pesquisa e análise dos dados coletados foram organizadas em um filme cuja versão original tem uma hora de duração, com 30 fontes entrevistadas. No entanto, a versão inscrita do “Era uma vez...” para o concurso do Mapa Cultural Paulista foi reduzida para 30 minutos, tempo máximo permitido pelo regulamento. O filme foi editado a partir da linha cronológica de surgimento das salas de cinema em Presidente Prudente. A pesquisa identificou que, desde a sua fundação, em 1917, até o final da década de 1970 a cidade se

¹⁵ O Mapa Cultural Paulista é um projeto formativo, informativo e de circulação de artistas do interior do Estado de São Paulo. Promovido pela Secretaria Estadual de Cultura, o prêmio existe desde 1995 e premia, em várias categorias, os melhores produtos artísticos das 13 áreas administrativas do Estado. São três fases: municipal, regional e estadual. Na categoria vídeo da edição 2011/2012, o Mapa Cultural Paulista inovou: na última fase, premiou os cinco melhores vídeos, que vão compor um DVD a ser distribuído para todo o Estado.

¹⁶ De acordo com Montenegro (1992, p.27 apud TADIOTO et al., 2010, p.25), “Os depoimentos divulgados começam a criar uma outra referência histórica, cultural, que até então estava circunscrita apenas a sua própria classe, pequenos grupos de amigos e familiares. A vida, as experiências, as lutas, as visões de mundo, o trabalho adquirem um novo estatuto ao serem socializados. Transformam-se em documentos apresentando um retrato da realidade, que passa a disputar a hegemonia do imaginário social com outras versões/representações construídas de outros lugares e por outros interlocutores”

destacou no cenário estadual pela quantidade de salas de projeção e de poltronas que chegou a abrigar.

Para se ter uma ideia, nos anos 70 deste nosso século, existiam cinco salas de projeção cinematográficas na cidade, que disponibilizavam mais de 6.500 lugares para uma população de 90 mil habitantes. Fazendo uma comparação com os dias atuais, Presidente Prudente, localizada no extremo Oeste paulista, com pouco mais de 200 mil habitantes, abriga hoje sete salas, localizadas nos dois shoppings centers da cidade, que oferecem, no total, 1.044 lugares. (TADIOTO et al., 2010)

De maneira a permitir ao leitor uma compreensão do conteúdo do filme, descrevemos a seguir os principais fatos relatados na pesquisa que resultou no videodocumentário, a fim de evidenciar o valor sócio-cultural do meio cinematográfico no decorrer da história da cidade.

- Cine Theatro Santa Emília (até 1934) – De acordo com Abreu (1997), autor da única obra que trata do cinema em Presidente Prudente, o presidente Washington Luiz, teria sido recepcionado no Teatro Santa Emília em 1920, três anos após a fundação da cidade. Em 1928, José Elias Nakid comprou o cinema que pertencia a Francisco Lourenço para dar de presente à mulher. No entanto, teve de devolver ao antigo dono, por causa de problemas financeiros. Em 1934, a sala foi adquirida por José Leão Cavalcante e outros sócios. No ano seguinte, a sala de cinema é inaugurada com novo nome: Cine Theatro Phenix.
- Cine Internacional (1924-1938) – era conhecido como Cine João Gomes, em alusão ao dono da sala, o empresário João Manoel Gomes muito conhecido na cidade. Foi arrendado pela Empresa Teatral Peduti em 1935 e fechou as portas em 1938 para reforma. Em 1941 é reaberto, com o nome definitivo de Cine João Gomes.
- Cine Theatro Phenix (1935-1986) – inaugurado em 1935, tinha 1.600 lugares. Também ficou fechado por quase um ano, em 1948, para reformas. Quando reaberto, no ano seguinte, enfrentou protesto de estudantes que reclamavam do preço dos ingressos. Atendeu à colônia japonesa da cidade, exibindo filmes sem legendas para os nipônicos. Em 1968, uma nova tela, que permitia a exibição de filmes 35 mm e 70 mm, o Cinerama, foi inaugurada.
- Cine João Gomes (1941-1974) – foi a principal casa de entretenimento dos prudentinos no início da década de 1940. Apresentava mais conforto em suas 1.200 poltronas. Como ficava no coração da cidade, era o ponto de encontro dos jovens

que ali estavam para passear e paquerar, naquela época atividade conhecida como *footing*. Também foi palco de movimento estudantil. Em 1956, uma nova tecnologia para projeção de filmes chega a este cinema: o Cinemascope, que fez com que o valor dos ingressos dobrasse. A manifestação dos estudantes teve como consequência a fixação do valor dos bilhetes.

- Cine Presidente (1959-1983) – maior sala de exibição cinematográfica na história de Presidente Prudente, com 2.500 poltronas, que sofreu em virtude da decadência do cinema e solidificação da televisão.
- Cine Ouro Branco (1965-1996) – 800 poltronas luxuosas acompanhando o padrão das grandes salas de projeção das capitais do Estado. Quando em decadência, passou a exibir filmes pornográficos.
- Cine Coral (1969-1972) – foi o único cinema de bairro que Presidente Prudente já teve. Ficava no Jardim Aviação e tinha 400 poltronas. Também pertencia à empresa Peduti.

O que se destaca no desenvolvimento da sétima arte na cidade é a sua relação intrínseca com a sociedade e a força que teve como ponto de encontro e palco de inúmeras histórias até então retidas apenas na memória daqueles que a vivenciaram. O videodocumentário possibilita compartilhar esses temas, com depoimentos que explicitam a forte ligação existente entre o desenvolvimento de Presidente Prudente e as salas de projeção fílmicas.

As histórias resgatadas pelo filme “Era uma vez...” (2010), que encontravam-se apenas na memória de quem as viveu, não podem ser novamente aprisionadas na mídia DVD em que foi organizada, a partir da linguagem da videodocumentação. Assim, a proposta é que o documento possa ser compartilhado no principal espaço constituído pela sociedade para propagação do saber: as escolas.

Sugestão de atividades com o vídeo “Era uma Vez...”

Como foi dito anteriormente, a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo mantém, desde 2008, um projeto que visa à inserção do cinema nas escolas da rede. Apesar da diversidade dos títulos, quanto ao gênero, época de produção e nacionalidades, não há espaço para o cinema local, nem tampouco investimentos para produção audiovisual envolvendo professores e alunos.

Nos cadernos do professor, que fazem parte do material de apoio do projeto “O Cinema Vai às Escolas” duas centenas de títulos, além dos que foram enviados às escolas, são sugeridas como outras possibilidades de filmes a serem inseridos no contexto escolar. Existem ainda depoimentos de que o projeto foi além das expectativas, fomentando, inclusive, experiências de produção audiovisual. Apesar disso, e do compromisso ali publicado pelo governo de continuar a investir no cinema na educação, não há sinais concretos para novas ações.

Assim, nasce a proposta de exibição do filme produzido em Presidente Prudente, que explicita o contexto histórico e o valor sócio-cultural do cinema local, premiado pelo poder público estadual, nas salas do Ensino Médio na rede. A ideia é incrementar o projeto vigente aproximando a temática cinema dos jovens cidadãos da cidade.

O videodocumentário “Era uma vez...” (2010) pode ser inserido no contexto de diversas disciplinas e até mesmo de temas transversais. Mas, sobretudo, nas questões que versam sobre a origem, o desenvolvimento e a história de Presidente Prudente e uma sociedade que se tornou conhecida pelo amor explícito à sétima arte. Além deste conteúdo, considerado importante, não estar presente nos livros e apostilas didáticos, o tema traz muitas possibilidades de trabalho envolvendo a atualidade.

Considerações finais

Educar com o cinema. Educar para o cinema. Educar sobre o cinema. Estas são as três dimensões envolvendo o universo cinematográfico e a educação que atualmente ganham espaço nas reflexões feitas pela academia situadas nas interfaces entre os campos comunicativo e educativo. Não é difícil encontrar resultados de pesquisa que se encaixam nessas perspectivas não só do ponto de vista teórico, mas, especialmente, ações preciosas de cunho prático¹⁷. Difícil é encontrar na literatura alguma manifestação do pensamento contrária à incorporação de filmes, independentemente do gênero (ficcional, documentário, entre outros), no âmbito escolar.

No Estado de São Paulo, o projeto “O Cinema vai às Escolas”, lançado em 2008, já apresenta resultados. Algumas falas de docentes e alunos, embora não sistematizadas, estão

¹⁷ As teses de doutorado de Fantin (“Crianças, Cinema e Mídia-educação: Olhares e Experiências no Brasil e na Itália”) e Felipe (“Cinema e educação: interfaces, conceitos e práticas docentes”), ambas defendidas em 2006, na UFSC e na UFRN, respectivamente, são exemplos, assim como a de Reis Junior (“Cinema brasileiro na escola pública: reconhecimento na diferença”), defendida em 2010 na Unicamp.

presentes no último Caderno do Professor, distribuído em 2010.

A primeira avaliação online do Projeto foi realizada em 2010 e divulgada em 26 abril deste ano a 300 professores da rede pública, no Teatro Padre Anchieta no Centro de São Paulo. De acordo com Dantas (2012), 97% das escolas participaram da avaliação e consideraram os filmes da primeira caixa adequados ao trabalho do professor do Ensino Médio. Ainda segundo a pesquisa, os motivos que facilitaram o uso dos filmes na escola foram: interesse e receptividade dos alunos; aceitação e envolvimento dos professores com o projeto; experiência anterior com filmes na escola; aproximação dos temas dos filmes com os temas trabalhados nas diferentes disciplinas e a facilitação do trabalho interdisciplinar. (DANTAS, 2012)

Após a avaliação, a equipe técnica do projeto, ainda mantido pela FDE, apontou como desafios resolver os problemas referentes às dificuldades dos professores em lidar com o equipamento de projeção, à dificuldade de acesso ao espaço de exibição e aos equipamentos de exibição. E anunciou nova avaliação para o segundo semestre deste ano. (DANTAS, 2012)

O movimento de aproximação do cinema com a escola não pode parar. E muito menos se concentrar na solução de problemas tecnológicos. As dificuldades com o manuseio e acesso às tecnologias precisam ser sanadas. Mas faz-se urgir uma decisão política ainda mais importante que disponibilizar recursos. Trata-se de ampliar a visão sobre o verdadeiro papel de uma mídia no contexto escolar. O cinema como simples representação ou ilustração do passado ou como pretexto para as demais atividades não vai contribuir para a formação do cidadão-crítico do século XXI.

Por isso, sugerimos neste texto a exibição do videodocumentário “Era uma vez...” (2010) produzido em Presidente Prudente, interior do Estado, vencedor do Mapa Cultural Paulista edição 2011/2012¹⁸. O filme pode possibilitar não só a discussão sobre o desenvolvimento do cinema na cidade, mas especialmente situar o papel do cinema na vida das pessoas ao longo da história. Dessa forma, sua utilização não deve ser imposta, mas uma decisão do docente que deve refletir sobre o uso do filme não como fim, mas como um meio que pode contribuir com os processos de ensino e de aprendizagem.

¹⁸ O videodocumentário “Era uma vez...” foi um dos cinco filmes finalistas do Mapa Cultural Paulista 2011/2012. O anúncio dos prêmios - que compreendem troféu, um valor em dinheiro e a inserção do filme no DVD oficial do concurso para circular em todo o Estado de São Paulo - foi feito no dia 1º de junho, no Museu da Imagem e do Som (MIS) em São Paulo. É a primeira vez que um trabalho prudentino vence nesta categoria.

Referências

ABREU, Dióres Santos. **Formação histórica de uma cidade pioneira paulista**: Presidente Prudente-SP: Unesp, 1972.

ABUD, Katia Maria. A construção de uma Didática da História: algumas idéias sobre a utilização de filmes no ensino. **História**, Franca, v. 22, n. 1, 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742003000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 02 jun. 2012.

ALBUQUERQUE, Ana Paula T.; SANTOS, Luciene S. Do Cinema Educativo às Aulas de Língua Portuguesa. Séptimo Simposium Iberoamericano en Educación, Cibernética e Informática: SIECI 2010. Disponível em: <http://www.iiis.org/CDs2010/CD2010CSC/SIECI_2010/PapersPdf/XA861QI.pdf> Acesso em 20 jun. 2012.

CATELLI, Rosana Elisa. Coleção de Imagens: o cinema documentário na perspectiva da Escola Nova, entre os anos de 1920 e 1930. **Educação & Sociedade**. Campinas, v. 31, n. 111, p. 605-624, abr.-jun. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v31n111/v31n111a16.pdf>> Acesso em 02 jun.2012.

DANTAS, Eva Margareth. **Novos filmes, novas demandas...** Disponível em <<http://culturaeducacao.fde.sp.gov.br/Administracao/Anexos/Documentos/320120508113120Novos%20filmes%20novas%20demandas%20-%20Eva%20Dantas.pdf>> Acesso em 20 jun. 2012. 26 abr. 2012.

DUARTE, Rosália. **Cinema & educação**: refletindo sobre cinema e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

DUARTE, Rosália; ALEGRIA, João. Formação Estética Audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 33, n. 01, jun. 2008. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362008000100007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 02 jun. 2012.

ERA UMA VEZ... Direção: Luiz Dalle; Edição: Tchiago Inague; Reportagem: Renata Negrão; Imagens: Livia Tadioto; Produção: Mayne Santos. Coordenação: Thaisa Bacco. Presidente Prudente, 2010. 1 vídeo (60 min.): son., color.

FANTIN, Monica. **Crianças, Cinema e Mídia-educação**: Olhares e Experiências no Brasil e na Itália. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.

FELIPE, M. A. **Cinema e educação**: interfaces, conceitos e práticas docentes. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte.

FRANCO, Marília. **Você sabe o que foi o INCE?** In: SETTON, Maria da Graça Jacintho (Org.) A cultura da mídia na escola: ensaios sobre cinema e educação. São Paulo: Annablume, 2004. p.21-36.

MIRANDA, Carlos Eduardo Albuquerque; COPPOLA, Gabriela Domingues; RIGOTTI, Gabriela Fiorin. **A Educação pelo cinema.** Disponível em: <http://artigocientifico.tebas.kinghost.net/uploads/artc_1153335383_47.pdf> Acesso em 02 jun. 2012.

NUNES, Fábio Luís Santos Nunes. Cinema e Educação Física no Ensino Médio: uma experiência pedagógica com outros temas do esporte. **Anais V Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade.** São Cristóvão, Sergipe. Set. 2011. Disponível em: <<http://www.educonufs.com.br/vcoloquio/cdcoloquio/cdroom/eixo%202/PDF/Microsoft%20Word%20-%20CINEMA%20E%20EDUCA%C7%C3%20F%CDSICA%20NO%20ENSINO%20M%C9DIO-UMA%20EXPERI%CANCIA%20PEDAG%D3GICA%20COM%20OUTROS%20TEMAS%20DO%20ESPORTE.pdf>> Acesso em 20 jun. 2012

O CINEMA vai à escola: rede recebe dez novos filmes em maio. 27 abr. 2012. Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/noticias/dez-novos-filmes-chegam-as-escolas-em-maio>> Acesso em 20 jun. 2012.

PFROMM NETTO, Samuel. **Telas que ensinam:** mídia e aprendizagem do cinema ao computador. Campinas: Alínea, 1998.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação. Fundação para o Desenvolvimento da Educação. Caderno de cinema do professor: um. TOZZI, Denavil et al. (Orgs.) São Paulo: FDE, 2008.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação. Fundação para o Desenvolvimento da Educação. Caderno de cinema do professor: dois. TOZZI, Denavil et al. (Orgs.) São Paulo: FDE, 2009a.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação. Fundação para o Desenvolvimento da Educação. Caderno de cinema do professor: três. TOZZI, Denavil; DANTAS, Eva Margareth; BOCALINI, Marilena. (Orgs.) São Paulo: FDE, 2009b.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação. Fundação para o Desenvolvimento da Educação. Caderno de cinema do professor: quatro. TOZZI, Denavil; DANTAS, Eva Margareth (Orgs.) São Paulo: FDE, 2010.

TADIOTO, Livia Mayra Souto et al. **Câmaras Escuras e Pensamentos Filmados:** a descoberta dos cinemas prudentinos. 2010. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo). Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho” de Presidente Prudente, Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente.